

Cada 200 gramas continha de 0,004 gr. a 0,04 gr. Pesquisou a morfina pelo seguinte processo: tratamentos pela agua acidulada pelo acido acetico, a frio e a quente; concentraçao no vacuo e precipitaçao pelo alcool; destilaçao; precipitaçao pelo acetato de chumbo, eliminaçao do chumbo pelo SH^2 ; alcalinisaçao pela amonia e agitaçao com cloroformio quente. O extracto cloroformico solido, é tratado pela agua acidulada pelo acido sulfurico e descorado por agitaçao com alcool amilico. Os alcaloides da putrefacção são eliminados por agitaçao com cloroformio em presenca da soda.

Extrae finalmente a morfina pelo cloroformio quente em presenca da amonia. Sobre o residuo cloroformico, pouco corado, foram feitas as reacções de Husemann, Fröhde, Marquis, acido iodico que sempre foram nitidas; só a de Pellegrini falhou quando existiam pequenas quantidades. A morfina pode ser facilmente encontrada depois de onze meses, o que tambem foi confirmado por ensaios fisiologicos em ratos brancos.

Dosagem de pequenas quantidades de alcaloides, por Carlinfanti e Scelba.

Pode-se dosear pequenas quantidades de morfina, heroína, codeína, apomorfina e estriquinina por colorimetria.

Morfina :

O soluto deve conter aproximadamente 0,005 por cc. Dissolve-se o residuo da evaporaçao em 50 cc. de acido sulfurico e passa-se o soluto sulfurico para um tubo d'ensaio de rolha esmerilhada. Lava-se por três vezes a capsula com 3 cc. d'acido sulfurico de cada vez e junta-se ao soluto. Mergulha-se o tubo num B. M. fervente durante 15 minutos. O soluto tem coloraçaõ rosea; deixa-se arrefecer e junta-se 10^{cc} de acido sulfurico contendo 2 gotas de acido nitrico ($D=1,40$) por 100 cc. d'acido sulfurico. O soluto sulfurico que contém a morfina cora-se de vermelho sanguineo. Deita-se o soluto num tubo graduado de 50 a 100^{cc} e perfaz-se um volume determinado com acido sulfurico.

O soluto testemunho prepara-se, empregando um soluto de cloreto de morfina a 0,5 % e examinam-se os dois tubos.

Os resultados são muito exatos.

Heroína.— Emprega-se o mesmo modo operatorio: a coloração obtida é amarelo-alaranjada a frio e vermelho-sanguinea a quente.

A heroína não reduz o acido iódico.

Codeína.— Mesmo modo operatorio: a coloração é vermelho-cereja. Pode-se, para a codeína, utilizar a reacção do percloreto de ferro.

Apomorfina.— Ao residuo do soluto a dosear, junta-se 10 cc. d'alcool a 95° e 10 centigramas de bi-carbonato de sodio; deixa-se em repouso durante 4 a 5 horas ao abrigo do ar, decanta-se para um tubo graduado de 50 a 100 cc., lava-se com alcool e completa-se o volume. Examina-se no colorimetro.

As reacções de Grimbert e Leclère com acetato mercurico, dá tambem bons resultados.

Estriquinina.— O soluto deve conter 4 a 5 miligramas. A este soluto junta-se 20 a 25 cc. de acido sulfurico a 15 $\frac{0}{100}$ e ferve-se; junta-se gota a gota soluto aquoso de bromo, recente, até coloração levemente amarelada; ferve-se novamente; obtem-se a coloração vermelho-violeta; trata-se novamente pela agua bromada até coloração amarela; ferve-se novamente e obtem-se coloração vermelho-violeta. Depois de arrefecido, dilui-se com agua e procede-se á dosagem colorimetrica.

QUIMICA BROMATOLOGICA

Pesquisa do arsenico no vinho e na cerveja, por M. L. Vnaflart.

Pode-se empregar com vantagens o reagente de Bougault (soluto cloridrico d'acido hipofosforoso) para pesquisar o arsenico nos liquidos alimentares. Quando uma agua contém 0^{gr},005 por litro de arsenico sob a forma mineral, dá com o reagente uma coloração nitida e 24 horas depois, um precipitado. Com 0^{gr},002 por litro, observa-se sómente coloração.

Para pesquisar o arsenico no vinho ou na cerveja, é necessario separar o arsenico da maior parte das substancias organicas, concentra-lo num precipitado e purificar este precipitado.

O arrastamento do arsenico pelo hidrato de ferro, indicado por Breteau, não convém neste caso, porque o ferro é retido pelas materias organicas e ou não precipita, ou precipita difficilmente

pela amonia. Operando mesmo na ausencia de materia organica, numa agua, por exemplo, obtem-se um liquido fortemente corado pelo percloreto de ferro, que se não descora senão por adição dum grande excesso de reagente de Bougault, observando-se ligeira turvação e uma leve coloração escura não sendo portanto a reacção muito nitida.

O autor prefere arrastar o arsenico num precipitado de fosfato d'amonio-magnesianio depois de o ter levado ao estado de acido arsenico.

Opera da seguinte forma para as cervejas:

Agita 250 cc. de cerveja para a privar do anidrido carbonico; filtra e adiciona-lhes 3 gotas de bromo; no outro dia adiciona sucessivamente 1 cc. de soluto saturado de fosfato de sodio, 5 cc. de soluto amoniaco de cloreto de magnesio e 80 cc. d'amonio; agita; depois de repousar 24 horas, filtra; dissolve o precipitado com 20^{cc} de soluto d'acido nitrico a 1:4; recebe o soluto numa capsula de platina; junta ao filtratum 2 cc. de soluto de nitrato de magnesio a 1:5; evapora á secura e calcina para expulsar o acido nitrico; junta 10^{ve} do reagente de Bougault, passa para um tubo d'ensaio e aquece durante 10 minutos num B. M. fervente.

Obtem-se coloração bem nitida e deposito bem visivel quando a cerveja contém 0^{gr},002 por litro.

Vinhos.—Opera como para as cervejas; nos vinhos tintos o precipitado de fosfato é acompanhado da materia corante do vinho formando uma laca que difficilmente se dissolve no acido nitrico. É preciso depois de ter deitado o soluto d'acido nitrico no filtro, destacar o precipitado com uma vareta e deita-lo na capsula; deita o filtro noutra capsula, embecendo-o primeiro com algumas gotas de acido nitrico concentrado e 1 cc. de soluto de nitrato de magnesio; seca e calcina; dissolve as cinzas numa parte do conteúdo da primeira capsula e reúne tudo.

Nos vinhos brancos, mesmo nos açucarados ou sulfurosos, assim como nos vinhos tintos, segundo o autor, encontra-se nitidamente 1 miligramma d'arsenico por litro.

BACTERIOLOGIA

Diagnóstico rápido da febre tifoide pela cultura em tubos de areia, por *P. Carnot e Weill-Hallé*.

O método empregado pelos autores consiste em semear as fezes tíficas num ramo dum tubo em U contendo areia; os bacilos tíficos mais moveis do que os outros microorganismos do intestino, são os primeiros a atravessarem a areia podendo ser recolhidos no outro ramo do tubo e identificam-se fazendo a aglutinação.

Os autores empregam um tubo em U de 5 a 6 milímetros de diametro; este tubo é mais estreito ao meio da parte curva; cada ramo tem 15 centímetros de comprimento; esterilizam tendo tapado as aberturas do tubo, com algodão; deitam asepticamente, com uma chupeta num dos ramos, caldo ou um outro liquido de cultura; o liquido deve-se elevar nos dois ramos á altura de 10 centímetros.

Deitam no outro ramo areia fina lavada e calcinada; neste ramo deve ficar acima da areia uma columna de caldo de alguns centímetros de altura.

Exame bacteriológico das fezes :

Os srs. Carnot e Hallé empregam o liquido proveniente duma segunda lavagem intestinal depois dum clister evacuante; este liquido é quasi limpido contendo pequena quantidade de materias fecaes e algumas mucosidades intestinais; introduzem algumas gotas no ramo I do tubo em U contendo o caldo de cultura e colocam na estufa a 37° C. durante 18 horas.

Passado este tempo tiram algumas gotas do liquido contido no ramo II. Se as fezes são tíficas, este liquido está turvo; examinam ao microscopio, verificando a mobilidade e fazem a aglutinação. Se este exame é feito tarde outros microorganismos e entre eles o colibacilo podem atravessar a areia dificultando a identificação; é necessario proceder a segunda passagem, semeando o liquido num outro tubo em U.

Se não observam passagem microbiana ao fim das 18 horas, o que é já um indicio negativo para o bacilo tifico, deixam ficar mais tempo na estufa.

Esta técnica é rápida, simples e exacta podendo na maior parte dos casos fazer o ensaio em 24 horas; poderá ser feito em menos tempo empregando tubos mais curtos.

Papeis reagentes para diferenciar os bacilos do grupo Eberth Coli por *Hollande e Beauverie*.

Os papeis reagentes para diferenciar os bacilos tíficos, bacilos paratíficos A e B e o colibacilo são:

1.º *Papel de nitrato de prata*. Mergulha-se papel de filtro num soluto de nitrato de prata a 1:100; enxuga-se rapidamente entre 2 filtros, mergulha-se numa mistura de álcool e éter contendo 10 % de colódio não ricinado e seca-se ao abrigo da luz.

2.º *Papel de glucose, vermelho*. Mergulha-se uma folha de papel de filtro num soluto contendo 2,5 de glucose adicionado de $\frac{1}{4}$ cc. de soluto aquoso de vermelho neutro a 1 %. Depois de seco mergulha-se em álcool-éter ricinado e seca-se.

3.º *Papel de acetato de chumbo*. Prepara-se mergulhando o papel de filtro num soluto de subacetato de chumbo a 1:10. Seca-se e mergulha-se num soluto de colódio e éter.

4.º *Papel de tornezol-orceína*. Mergulha-se o papel num soluto contendo: 0,20 de tornezol-orceína, 4 gramas de fosfato neutro de sodio, 5 gramas de lactose, 1 grama de bi-carbonato de sodio e 50 gramas de água. Seca-se e mergulha-se no soluto de colódio.

Conservam-se estes papeis entre as folhas dum caderno.

Cortam-se em pedaços de forma retangular de 1 centimetro por 3 centímetros e introduzem-se em tubos contendo 6 cc. de caldo; tapa-se com o tampão de algodão e esteriliza-se a 118° durante 20 minutos.

Ao fim de 24 horas, o bacilo tífico é o unico que não descora o papel de glucose vermelho; o papel fica no fundo do tubo porque não é arrastado pelas bolhas de gaz.

O paratífico A não enegrece o papel de acetato de chumbo, ao contrário dos outros 3 bacilos.

O paratífico B tem a propriedade de recorar ao fim de 3 dias o papel de tornezol-orceína descorado.

O colibacilo é o unico que se desenvolve no meio nitrato de prata 10 a 12 horas depois de semeado.

Emfim, o papel misto de acetato de chumbo-glucose vermelho permite identificar directamente os bacilos tifico, paratifico A e paratifico B.

Farmacotecnia

Preparação dos solutos de hipocloritos usados em cirurgia de guerra

Soluto de Dakin:

Dissolver em 5 litros de agua 400 gramas de carbonato de sodio cristalizado ou 140 gramas de carbonato de sodio seco Solvay. Deitar em 3 litros de agua 200 gramas de cal clorada; juntar esta mistura ao soluto de carbonato de sodio, agitar e deixar em repouso durante meia hora, separar o liquido claro do precipitado de carbonato de calcio. Juntar 40 gramas de acido borico dissolvido em 2 litros de agua. Filtrar.

Este soluto deve conter 0,5% a 0,6% de hipoclorito de sodio.

Duração maxima do soluto Dakin: uma semana.

Soluto de Pozzi.

Cal clorada 200 grs.

Carbonato de sodio seco (Solvay) 100 "

Bi-carbonato de sodio 80 "

Agua 10 litros

Deitar a cal clorada em 5 litros de agua e deixar em contacto durante 12 horas, agitando umas 2 a 3 vezes. Juntar por uma só vez o carbonato e o bicarbonato dissolvidos em 5 litros de agua. Agitar fortemente e deixar depositar o carbonato de calcio formado; decantar e filtrar.

Este soluto contem 0,5 % de hipoclorito de sodio e uma pequena quantidade de sais neutros; é isotónico com o soro sanguineo.

O soluto deve ser neutro, é alcalino se houver má técnica; Deve-se verificar a reacção com o tornezol.

Soluto de Duret :

Este soluto tem por base o hipoclorito de magnésio

Cal clorada	280 grs.
Sulfato de magnésio	182 "
Agua	10 litros

Trituram-se os dois sais; junte pouco a pouco a agua; filtre por algodão.

O precipitado é formado por sulfato de calcio, hidrato de magnésio e carbonato de magnésio. O filtratum contem hipoclorito de magnésio e oxicloretos de magnésio.

Este soluto é isotónico com o soro sanguíneo e o grau crioscópico $\Delta = -0,56$. Tem um grau clorimétrico, isto é, um litro deste soluto pode libertar 1 litro de cloro gazoso ou seja 3^{litros}17.

Tem reacção alcalina ao tornezol.

E' mais estavel que o soluto de Dakin e o de Pozzi. Conservado em frascos amarelos e rolhados com rolha de cortiça conserva-se por mais de vinte dias.

Tem 8 gramas de cloreto de magnésio por litro e depois de libertar todo o cloro contem 16 gramas.

Este soluto segundo o autor é antiputrido, germicida e citofili-lactico, colocando os tecidos viventes num meio mais favoravel para lutar eficazmente contra a invasão microbiana.

Dosagem do hipoclorito nestes solutos.

Deitar num copo ou num Eslenmeyer 10 cc. de soluto de iodeto de potassio a 10 %, 10 cc. de acido acetico ou cloridrico a 10 % e 10 cc. do soluto a dosear.

Deixar cair gota a gota dum burete, soluto de hiposulfito de sodio $\frac{N}{10}$ até coloração amarela, juntar algumas gotas de cosimento de amido e continuar a adição do hiposulfito até á completa descoloração.

Hipoclorito % = $N^{\circ} \times 0,037$.

Para a preparação destes solutos é necessario empregar a cal clorada com 95 a 100. graus clorometricos francezes (0 grau francês corresponde ao numero de litros de cloro activo por quilogramma de cal clorada).

Pesa-se 10 gramas de cal colorada e tritura-se com agua; passar para um balão de litro, juntar agua, agitar durante alguns minutos, completar o volume, agitar e deixar repouzar.

Segue-se depois a tecnica já indicada para a dosagem do hipoclorito:

Grau clorometrico francês: $N^{\text{cc}} \times 11,20$.

Preparação do peptonato de ferro para injeções hipodermicas, (*Bolletino Chimico Farmaceutico*).

Dissolve-se 160 gramas de peptona em 700. cc. de agua distilada, aquece-se a 80° c. e junta-se 50 gramas de albumina d'ovo diluida num pouco de agua; agita-se vivamente e ferve-se o liquido durante alguns minutos.

Filtra-se, obtem-se uns 600 cc. de um soluto limpido, lava-se o filtro e completa-se 700 cc.

Dissolve-se em 45 cc. d'agua 21 gramas de cloreto ferrico solido e junta-se a este soluto (que é acido) 131 cc. do soluto de peptona.

A mistura é transparente, pois que em meio acido não precipita nem o cloreto ferrico nem a peptona.

Junta-se soluto de amoniaco (100 cc. d'amonia de $d=0,925$ por cem d'agua) até que o liquido tenha reacção neutra ou levemente alcalina: o peptonato de ferro precipita sob a forma dum precipitado gelatinoso de côr amarelada não contendo hidrato de ferro. Recolhe-se o peptonato num filtro e lava-se com agua distilada (em geral 50 cc.) até que não dê reacção com o ferrocianneto de potassio e comprime-se entre um pano para lhe retirar a maior quantidade d'agua possivel.

A este precipitado junta-se 569 cc. do soluto de peptona e aquece-se até que o precipitado se dissolva completamente. Junta-se 5 a 6 cc. de soluto d'amoniaco a 10 $\frac{0}{100}$ (d'amonia) obtendo-se assim um soluto transparente.

É conveniente acidificar levemente o soluto por adição de 2 gramas de acido cítrico e completar o volume de 1000 cc.

Este soluto não precipita nem pela amonia, nem pelo ferro-cianeto de potassio e quando se agita produz espuma amarela. Os peptonatos preparados com o citrato ferro amoniacoal ou com o citrato ferroso produzem espuma alaranjada no primeiro caso e verde no segundo.

O soluto assim preparado contém 0^{gr},2 de peptonato de ferro por cc. o que equivale a 5 gramas de O^3Fe^2 , a 3^{gr},5 de Fe ou a 10^{gr},15 de Cl^3Fe^0 .

Diluição de solutos concentrados, por M. Löwi.

O autor indica o processo para se obter um soluto de titulo determinado.

Deita-se numa proveta graduada o numero de cc. do soluto concentrado igual ao titulo por 100 do soluto a preparar. Dilui-se, até se obter o numero total de cc. igual ao titulo por 100 do soluto concentrado. Seja P a percentagem do soluto concentrado e p a do soluto a preparar.

Se medirmos p cc. do soluto concentrado, este volume contém $\frac{pP}{100}$ gramas de substancia. O soluto diluido ao volume total P contém por cc. P vezes menos, seja $\frac{p}{100}$ e por 100 cc. contém p gramas de substancia.

Exemplo:

Para preparar alcool a 70° a partir d'alcool a 95°, medem-se 70° d'alcool a 95° e completa-se 95° com agua distilada.

Sucedaneos da lanolina

Cera amarela	7 gramas
Lanolina	15 gramas
Vaselina branca	78 gramas

Esta mistura absorve 50 % de agua.

Alcool cetilico	7 gramas
Lanolina	10 gramas
Vaselina branca	83 gramas

Esta mistura absorve facilmente 50 % de agua.

Prepara-se o álcool cetílico saponificando o espermaceti. A 100 gramas de espermaceti junta-se 500 gramas de soluto de hidrato de potássio a 25 % e um pouco de álcool; ferve-se. Logo que o espermaceti esteja saponificado, deita-se o liquido em 6000 gramas dum soluto de cloreto de sodio a 10 %. O álcool cetílico separa-se sobrenadando. Deixa-se em repouso, separa-se o liquido, lava-se varias vezes o álcool cetílico com agua morna e seca-se.

Variedades

PROFILAXIA

A revacinação no exercito

Quando ha meses, se concentrou no poligono militar de Tan-cos, uma divisão do exercito, onde se reuniram vinte e tantos mil homens, procedentes de todas as regiões do país e muitos incorporados de novo nas fileiras do exercito, verificámos com espanto que, tendo sido organizados todos os serviços com as maiores meticulosidades, absolutamente necessarias em tal organização, não tinha sido praticada a revacinação das praças, a mais elementar regra de hygiene profilatica.

Atribuimos então o facto á precipitação com que a concentração militar tinha sido feita e ao serviço intensivo que se lhe seguiu, convencidos de que a revacinação se faria conforme manda a lei, quando, terminadas as manobras as unidades recolhessem a quartéis e os serviços se normalisassem.

No extracto de uma sessão da Academia de Medicina de Paris realisada em Outubro passado, faz-se notar o belo resultado obtido pelos Drs. Wurtz e Lucien Camus que dirigem os serviços da vacinação e revacinação, onde se verifica que, na actual campanha ainda não se constatou um unico caso de variola, ao passo que na guerra franco-prussiana de 1870 as estatisticas accusaram para cima de 30.000 casos.

A «Medicina Contemporanea», publicada em Lisboa, chama a atenção, num dos ultimos numeros para o facto de não terem

sido revacinados recentemente os nossos soldados que partem para França.

Passam-se meses e hoje que as nossas tropas vão partir, verificamos que a revacinação antivariolica não se fez ainda e que os primeiros contingentes pelo menos, de algumas milhares de homens, saem do país, sujeitos ás contingencias de uma doença que a lei prevê, e que por falta de uma simples pratica de hygiene profilatica, pôde retardar e embaraçar a sua situação nos campos da luta.

Que ideia farão dos nossos serviços de saude, os cirurgiões franceses, quando ali chegarem oito ou dez mil homens, sem revacinação antivariolica recente.

Certamente que a revacinação se fará logo que o facto seja conhecido.

Se o primeiro contingente a sair não poder ser revacinado, por falta de tempo, que o sejam ao menos os que se lhe seguirem, para honra dos nossos serviços de hygiene e cumprimento da lei.

C. e F.

Formulario

Medicamentos antisepticos

Solutio forte de acido fenico

Acido fenico	50 gr. ^s
Glicerina	50 cc.
Agua	1000 gr. ^s

Para lavagem de feridas.

Solutio de formol

Formol	20 gr. ^s
Agua	1000 "

Para lavagem de feridas.

Soluto de formol fenicado

Formol	10 gr. ^s
Acido fenico	10 "
Agua	1000
Para lavagem de feridas.	

Agua oxigenada iodada

Agua oxigenada a 12 vol.	250 gr. ^s
Tintura de iodo	10 "
Agua	1000 "
Para lavagem de feridas.	

Soluto de cloreto de magnesio (Delbet)

Cloreto de magnesio	12,1 gr. ^s
Agua	1000 "

Para lavagens e pensos.

Pomada de Reclus

Antipirina	5 gr. ^s
Acido borico	5 "
Salol	10 "
Iodoformio	2 "
Acido fenico	1 "
Sublimado corrosivo	0,02 "
Vaselina pura	200 "

Aplica-se estendendo sobre compressas de gaze.

Pomada excitante

Acido salicilico	0,3 gr. ^s
Oxido de zinco	3 "
Calomelanos	1 "
Vaselina	30 "

Para aplicar nas feridas átonas.

Pó de Lucas-Championnière

Iodoformio	
Quina	100 gr. ^s
Benjoim	
Carbonato de magnésio	
Essencia de eucaliptos	12,5 "

Para pulverisar as feridas.

Quiniodol (Mouchet)

Quina em pó	1000 gr. ^s
Iodo metalico	50 "
Eter sulfurico	500 "

Dissolva o iodo no eter, junte ao pó de quina agitando até se evaporar o eter; tamise.

Para aplicar sobre as feridas.

Soluto de acido fenico

Acido fenico	10 gr. ^s
Glicerina pura a 30°	50 "
Agua distilada q. b. para	1000 "

Esterilise.

Em injecções no tecido celular contra o tetano.

Poção hemostatica

Cloreto de calcio	5 gr. ^s
Ergotino	10
Tintura de hamamelis	20
Xarope de canela	200

A's colheres de sopa de 3 em 3 horas.

Poção hemostatica

Porcloreto de ferro	4 gr. ^s
Agua de Rabel	3
Xarope de opio	30
Agua	120

A's colheres.

Poção de gelatina (hemostatica)

Gelatina	4 gr. ^s
Agua	100

Tomar em jejum ás colheres de sopa.

Soro de Locke

Cloreto de sodio	8 gr. ^s
Cloreto de calcio	0,20 "
" de potassio	0,20 "
Bi-carbonato de sodio	0,20 "
Glucose	1 gr.
Agua destilada	1000 gr. ^s

Esterelise.

Substitue com vantagem o soro fisiologico sobretudo nas hemorragias.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Elixir de acido nucleínico com arrhenal

Acido nucleínico	33 decigrs
Fosfato disódico	33
Arrhenal	13
Vanilino	5
Alcool de 90°	120 gr. ³
Xarope comum	400
Agua de flor de laranjeira	150
Agua destilada	
Caramelo	

Dissolva o acido e o fosfato em quinze gramas da agua destilada; dissolva á parte o arrhenal na agua de flor de laranjeira e o vanilino no alcool; misture os dois solutos com o xarope; adicione quanto baste da agua destilada para completar mil centímetros cubicos; córe com o caramelo e filtre.

Equivale ao Histogenol, Histogeneo, etc.
(Formulario officinal e magistral, 4.^a edição).

Interesses profissionais**Centro de Documentação Farmacêutica****Preparação instantanea da tintura de iodo
da Ordem dos Farmaceuticos**

Num artigo publicado na Medicina Contemporanea de 18 de junho de 1916 com o titulo acima indicado e assinado pelo Exm.^o Sr. Dr. Raul de Carvalho é a classe farmaceutica acusada injusta e incorrétamente de falta de conhecimentos e de pouco escruplo por quem não tem autoridade tecnica, já como medico já como aluno da Escola de Farmacia, para o fazer.

E' uma afirmação gratuita que ali se faz com o fim unico de reclamo ao modelo de empoas apresentadas pelo actor do artigo, não se olhando aos meios mas sim aos fins a atingir.

Eis a parte do artigo :

«Por outro lado todos sabemos que quando se pretende dar a um doente tintura de iodo **per os** se receita sempre: *Tintura de iodo recentemente preparada*, correntemente 5 grammas e nunca maior porção afim de que não envelheça.

Ora como a dissolução é difficil e como a quantidade é exigua é *rarissimo* (e póde provar-se que assim é) que o pharmaceutico a prepara conforme o medico lhe manda, e de ordinario fornece a que tem preparada *ha menos de um mez*».

«Por curiosidade apontaremos que, a não ser por artificios especiais a dissolução do iodo mais puro do commercio não é completa nas proporções de 1:10 mesmo no fim de 24 horas a frio».

Não é preciso melhor prova para garantir a falta de conhecimentos de farmacia. Como se vê não ha nada mais curioso do que a afirmação do autor; se lhe dissermos que em menos de 15 minutos se póde preparar qualquer quantidade de tintura de iodo sem lhe adicionar substancia alguma e sem artificios especiais que facilitem a solução do iodo, ficará admirado visto que não é pharmaceutico.

Em todas as farmacias se prepara tintura de iodo quando o medico a pede recente e além disso em geral nas farmacias prepara-se pequena quantidade de forma a não permanecer preparada mais que 8 dias.

Nos prospectos que acompanham as empolas do modelo indicado no artigo encontra-se a seguinte nota: «não falamos do emprego dos iodetos juntos com o fim de lhe aumentar a solubibilidade. Tal processo faz, não só com que o producto não seja puro, como impede o seu emprego em uso interno». A tintura de iodo adicionada de iodetos, é claro que não deve ser empregada para uso interno, mas para uso externo não lhe reconhecemos inconvenientes e se inconvenientes tem, a empola Rajo modelo C. (para usos chirurgicos) não vem resolver o problema visto que, uma vez preparada, o iodeto de sodio se forma immediatamente em proporções crescentes como adeante provaremos.

O emprego dos iodetos alcalinos foi estudado por varios co-

legas que chegaram às conclusões que resumidamente vamos expôr.

Em 1907 um farmaceutico militar, francês, Mr. Courtol verificou que a adição dos iodetos de potassio ou de sodio tornavam a tintura inalteravel. As formulas indicadas pelo auctor são:

Iodo—cem grama.

Iodo de sodio—trinta e seis gramas.

Alcool q. b. para mil gramas.

Iodo—cem gramas.

Iodeto de potassio—quarenta gramas,

Alcool—q. b. para mil gramas.

Em 1911 a Comissão permanente do Codex adoptava a tintura de iodo para usos cirurgicos a 1:20 adicionada de iodetos: este titulo foi elevado mais tarde a 1:15.

Na Alemanha o Ministerio da Guerra encarregou M. Budde de verificar os trabalhos de M. Courtol sendo a formula d'este a adoptada. O mesmo succedeu na Suecia. Esta mesma formula é ha dois anos adoptada, com bons resultados num hospital militar do nosso país.

A formula dada por M. Courtol tem a quantidade restrita de iodetos para evitar a formação de acido iodidrico mesmo ao fim de um ano.

Na formula:

Iodo, borax—ãã um grama.

Alcool, eter e cloroformio—ãã seis gramas

indicada nos prospectos que acompanha as empolas, formulas empregada na preparação da tintura de iodo para uso cirurgico, parte do iodo transforma-se em iodeto e iodato de sodio diminuindo a percentagem de iodo livre, o que é grave.

Verificamos que essa diminuição é tanto maior quanto mais elevada é a temperatura, que para 5 moleculas de iodeto se forma uma molecula de iodato e que não é necessario a presença da agua para se dar a reação pois que empregando o borax fundido e os dissolventes anidros o iodo transforma-se em iodeto e iodato.

Dissolvemos na proporção indicada no prospecto, o iodo na mistura de eter cloroformio e alcool; procedemos á dosagem do iodo numa parte aliquota para assim sabermos a quantidade exacta do metaloide. Juntamos o borax, agitamos e procedemos á dosagem immediata do iodo livre, passado 24 horas e 15 dias depois.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

	N.º 1	N.º 2	N.º 3	N.º 4
Iodo livre antes de juntar o borax %...	4,625	4,8179	4,6968	4,7517
Iodo livre depois de ter adicionado o borax (dosagem immediata).....	4,3022	4,5999	4,3926	4,6146
% de iodo transformado.....	6,97	4,52	6,48	2,88
24 horas depois				
Iodo livre.....	4,2265	4,1879	3,9196	4,2031
% de iodo transformado.....	8,60	13,07	16,54	11,54
15 dias depois				
Iodo livre.....	3,4213	4,1727	3,2948	3,563
% de iodo transformado.....	26,02	13,39	29,84	25,01

A tintura n.º 1 foi preparada no verão. A n.º 2 conservada á temperatura de 14—17.º As n.ºs 3 e 4 conservadas em estufa entre 24-26º em frascos hermeticamente rolhados e pesados. A n.º 4 foi preparada com o borax fundido e os dissolventes anidros. Os resultados obtidos confirmam os trabalhos de M. Leclere sobre «as causas de erro em iodometria».

Este quimico verificou que empregando 10 cc. de soluto $\frac{N}{10}$ de iodo e 10 cc. de soluto saturado de borax somente gastou 6,4 de soluto $\frac{N}{10}$ de hiposulfito em vez de 10 cc. havendo portanto um erro de 37.º.

Mais verificou que esse erro era tanto maior quanto mais elevada era a temperatura.

Num soluto contendo:

Agua..... 50 cc.
 Soluto $\frac{N}{10}$ de iodo..... 10 cc.
 Soluto saturado de borax..... 10 cc.

empregou á temperatura de 13-14º C. 8.º,7 do soluto $\frac{N}{10}$ de hiposulfito de sodio e operando a 38-40º empregou somente 5.º,9.

Dezembro de 1916. CARLOS COUTINHO.

Medicamentos novos

Acetilsalicilato de bismuto

Obtem-se juntando a um soluto de acetilsalicilato de sodio, bismuto-manitol (soluto manítico de bismuto).

E' insolúvel e tem por formula $(C^9H^7O^4)^3Bi$.

Intramina

E' o di-ortoanimotobenzeno empregando-se em injeções intra-musculares no tratamento da sífilis.

Não é tóxico e é mais activo do que o salvarsan. E' um pó amarelo cristalino, podendo ser injectado em altas doses em suspensão oleosa. Não se altera pela exposição ao ar.

Cignolina

E' um pó amarelo, facilmente solúvel nos corpos gordos, alcohol e benzina.

Emprega-se como sucedaneo da crisarobina no tratamento das doenças de pele.

E' o 1-8 dioxiantranol.

Congregação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos Sociedade Farmaceutica Lusitana

Sessão de 11 de Julho de 1916.

Presidente, sr. Alberto d'Oliveira Malta; 1.º secretario, sr. Ernesto dos Santos; 2.º secretario, sr. Sebastião Vito de Abreu e Silva.

Foi aberta a sessão ás 22 horas, assumindo a presidencia o 1.º Secretario, sr. Malta, na ausencia do sr. Presidente.

Foram lidas e aprovadas as actas das duas ultimas sessões.

Foram lidos; um officio do nosso empregado sr. Ricardo Lopes, agradecendo o interesse da Sociedade pelo seu estado de saude; carta do exm.^o sr. dr. Betencourt Ferreira, agradecendo a sua eleição para socio honorario da Sociedade.

Pelo nosso bibliotecario, foram apresentados dois exemplares da «Gazeta Medica», que oferece á Sociedade; um catalogo dos volumes existentes na biblioteca da Sociedade e a carta do curso de pharmaceutico do falecido consocio, sr. Sebastião Atanasio Estanislau da Silva.

O sr. *Simões Costa*, chama a atenção para uma local do «Seculo» em que se anuncia que no proximo congresso mutualista serão tratados assuntos pharmaceuticos e será apresentado um projecto de reforma de exercicio profissional pharmaceutico, pedindo para que a Sociedade vigie estes assuntos.

O sr. Presidente responde que será de toda a vantagem que as coletividades pharmaceuticas do país se façam representar no congresso mutualista e ali defendam os interesses da classe.

Entrando-se na ordem da noite, o sr. Presidente declara que a modificação que se pretende fazer no artigo 17 dos Estatutos não é viavel, pois, tanto os estatutos como o regimento interno teem a aprovação do Governo Civil e qualquer modificação que se pretenda fazer, póde implicar a dissolução da Sociedade; será portanto melhor esperar a reforma dos estatutos que se pretende fazer para então se modificar o art. 17.^o

Em seguida teve segunda leitura e foi aprovado com um adiamento do sr. Malta o parecer da comissão eleita para cuidar da situação dos pharmaceuticos mobilizados, discutindo o parecer os srs. João Francisco de Jesus e João Simões Costa, sendo as conclusões finais as seguintes:

1.^o

Que aproveis a proposta que nos serve de estudo;

2.^o

Que todo o socio que seja mobilizado e deseje a isenção do pagamento de quotas, que a Sociedade lhe faculta, emquanto du-

rar o tempo de inatividade civil, terá para esse fim de o participar por escrito á Comissão de Registo de Farmaceuticos Mobilisados;

3.º Que no caso do numero de isenções ser avultado, e de qualquer forma possa afectar a vida associativa, e que impeça a sua marcha regular, seja o *deficit pro-rato* pelos socios restantes, se assim o entenderem ;

4.º Que seja nomeada uma Comissão que se denominará *Comissão de Registo de Farmaceuticos Mobilisados* ;

5.º Que a comissão, terminado o periodo transitorio, apresente um relatorio circunstanciado ;

6.º Que as sessões passem a ser uma vez por mês, podendo no emtanto o sr. Presidente, quando julgue indispensavel convocar sessões extraordinarias.

Assinaram o parecer e conclusões os srs. João Francico de Jesus, Joaquim Pedro de Moraes e João Simões Costa, relatôr.

Foi eleita a comissão de Registo a que se refere o parecer, que ficou composta pelos signatarios do mesmo.

Lcu-se em seguida o relatorio da comissão de quimica sobre uma amostra de éter anestésico, enviada pelo nosso consocio José Feliciano Alves de Azevedo.

Foram eleitos socios por unanimidade os srs. Luiz Ribeiro da Silva e Sousa e Luiz José Gonzaga e Sousa.

Foi igualmente eleita a comissão revisôra de contas que ficou constituída pelos srs. Mario Judice de Oliveira, Antonio Dionisio Garras e José Maria Pinto Fonseca.

O 2.º secretario,

Sebastião Vito d'Abreu e Silva.

Sessão de 25 de Julho de 1916.

Presidente, sr. Alberto d'Oliveira Malta; 1.º secretario, José Maria Pinto Fonseca; 2.º secretario, Sebastião Vito d'Abeu e Silva.

Aberta a sessão ás 22 horas não estando presente o sr. Presidente, assumiu a presidencia o 1.º secretario, sr. Alberto Malta, convidando para 1.º secretario o sr. Pinto da Fonseca.

Foram lidãs e aprovadas duas actas de sessões transatas.

Entre a correspondencia foi lido um officio do socio sr. Gueifão Ferreira, narrando factos passados com o inspector do selo, e enviando para a meza da Sociedade, diversos produtos que foram multados entre os quais especialidades deterioradas e que saíram da Alfandega já sem selos, protestando contra a forma como foi applicada a multa e não ter assinado o documento de autuação, declarando ter entregue a questão a dois advogados.

Falaram sobre o assunto os srs. Cisneiros e Faria e Joaquim Pedro Moraes, sendo o caso enviado á comissão de farmacia.

Foi lido o balancete do mês de Junho que foi aprovado.

O sr. *Soares Teixeira*, ofereceu á Sociedade um exemplar da historia do telegrafo em Portugal, em 1812.

O sr. *João Francisco de Jesus*, pergunta ao sr. Presidente o que ha sobre llenças para vender perfumarias, que teem sido ultimamente exigidas ás farmacias pela Camara Municipal.

O sr. *Morais*, lembra a vantagem de tratar este assunto com o nosso advogado sr. dr. Rocha Peixoto, pois realmente a Camara Municipal exige agora licenças que nunca foram pagas pelas farmacias.

O sr. Presidente, lamenta este facto que representa a seu vêr, má vontade da parte do Municipio de Lisboa, contra a classe farmaceutica e entende que o nosso advogado deve tratar do caso, provando que nada devemos pagar nesse sentido.

O sr. *Jesus*, insiste, desejando saber se o farmaceutico deve ou não pagar.

Foi em seguida discutido e aprovado o parecer da comissão quimica sobre uma amostra de éter da firma Azevedo & C.^a

O sr. Presidente, José Pedro de Moraes Pinto da Fonseca e Cineiros e Faria, elogiaram o trabalho da comissão, sendo por

proposta do sr. Cineiros e Faria, resolvido publica-lo no jornal da Sociedade.

O sr. *Cisneiros e Faria*, refere-se á demora na realização da sessão solene anual, ao parecer da comissão revisora de contas e reforma dos estatutos da Sociedade.

Deseja também saber se os socios srs. Moreira Beato e Fernandes Cruz, insistem pelo seu pedido de demissão.

O sr. Presidente, elucida que a sessão solene se realizará logo que a comissão revisora de contas apresente o seu parecer; que a reforma dos estatutos será obra da nova Direcção e que espera que os socios Beato e Fernandes Cruz, não insistam no seu pedido de demissão.

Foi eleito socio o sr. Rodrigo Esteves Junior.

O sr. *Pinto Fonseca*, como membro da comissão revisora de contas declara que na proxima sessão será apresentado o parecer.

O sr. *Joaquim Pedro de Moraes*, tesoureiro da Sociedade, propôz e foi aprovado, que se desse ao continuo da Sociedade uma gratificação igual á que tem sido dada nos anos anteriores.

O 2.º secretario,
Sebastião Vito d'Abreu e Silva.

Sessão de 10 de Outubro de 1916.

Presidente, sr. João Norberto Gonçalves Guerra; 1.º secretario, Alberto de Oliveira Malta; 2.º secretario, Sebastião Vito d'Abreu e Silva.

Abriu-se a sessão ás 22 horas e foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Entre a correspondencia encontra-se; carta do nosso colega J. Feliciano Alves de Azevedo accusando a recepção do parecer da comissão de quimica sobre uma amostra de éter anestésico preparado no seu laboratorio, e agradecendo as elogiosas referencias que no parecer lhe são dirigidos; officio do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, solicitando o auxilio da Sociedade em favor dos seus pupilos; officio do Ateneu Commercial de Lisboa, notificando a eleição dos seus novos corpos gerentes; carta do nosso conso-

cio Gueifão Ferreira, protestando contra a imposição das licenças camararias ás farmacias; officio do sr. João Mendes Carreiro, pedindo escusa do logar de Presidente da Sociedade, alegando os seus muitos afazeres.

O sr. *Manuel Joaquim de Oliveira*, apresenta o nosso colega de Braga, sr. Antonio Silva, resolvido a Assembléa que S. Ex.^a, tome parte dos trabalhos nesta sessão.

O sr. Presidente comunica á Assembléa que em virtude de conferencias que teve com S. Ex.^a o Sr. Ministro da Guerra ficou resolvido, sobre a nomeação de alteres farmaceuticos milicianos, que fossem expedidas circulares para todas as divisões do exercito, ordenando que se cumpra a doutrina do decreto n.º 2487, de 5 de Maio p. p. tendo os farmaceuticos chamados a serviço militar de requerer a sua nomeação de alferes.

Sobre este assunto falaram os srs. Antonio Silva, Jaime Costa, José Bento de Almeida, João Francisco de Jesus, que apresentou os seguintes quesitos: 1.º Depois da publicação do decreto, já foram nomeados alferes milicianos, os alferes chamados a serviço, 2.º Qual a situação dos ajudantes e alunos de farmacia.

O sr. Presidente, responde, informando que depois da publicação do decreto já foram nomeados onze alferes milicianos, e que com respeito aos ajudantes e alunos de farmacia já tinha apresentado uma reclamação ao sr. Ministro da Guerra.

O sr. *Antonio Silva*, envia para a mesa a seguinte proposta.

Proposta:

Considerando o inconveniente de colegas nossos serem forçados a fazer serviço militar como soldados ou cabos;

proponho:

Que se faça colectivamente o pedido para serem dispensados do serviço militar os soldados ou cabos, farmaceuticos, enquanto aguardem a sua nomeação de alferes;

aditamento:

Que a situação para os alunos da escola de farmacia se regule nos termos da dos alunos de medecina;

Que os ajudantes de farmacia quando mobilizados, não desempenham funções incompatíveis com as suas aptidões.

Lisboa, 10 de Outubro de 1916.

Antonio Silva

Esta proposta foi discutida e aprovada simplesmente na primeira parte.

O sr. *Presidente* mandou lêr uma representação feita ao sr. Ministro da Guerra pelas colectividades farmaceuticas do país, sobre a remodelação dos serviços farmaceuticos militares, pedindo o sr. Emilio Fragoso, que se procure conseguir a publicação no Diario do Governo, da circular complemento do decreto de 5 de Maio do corrente ano.

O sr. *Presidente*, informa que sempre que se teem dirigido á 5.^a Repartição do Ministerio da Guerra, tem ali encontrado má disposição para todos os assuntos farmaceuticos e atribue o facto a ter sido retirado dessa repartição o tenente-coronel farmaceutico, que ali fazia serviço sem que fosse substituido por outro official farmaceutico como manda a lei.

O sr. *Cisneiros e Faria*, envia para a mesa a seguinte proposta que foi aprovada.

Proposta:

Proponho que a Comissão que entregou a representação ao sr. Ministro da Guerra, continue em exercício, instando junto de S. Ex.^a para que sejam remodelados os serviços farmaceuticos do exercito;

Que o Sr. Ministro, preencha por um official farmaceutico, o lugar vago na 5.^a repartição do Ministerio da Guerra, pela saída do tenente coronel farmaceutico;

Que esse official seja consultado pelo Sr. Ministro, sobre os interesses farmaceuticos militares;

Que esta comissão se mantenha com poderes para acompanhar este assunto, até completa solução das justas reclamações farmaceuticas, e que a comissão nomeada vigie a publicação da circular complemento do decreto de 5 de Maio, na ordem do exercito.

Lisboa, 10 de Outubro de 1916.

J. Cisneiros e Faria.

Foi em seguida lido o relatorio da comissão revisôra de contas, sendo aprovado.

O Sr. *Cisneiros e Faria* fez elogios á maneira como o Sr. Tesoureiro da Sociedade, administrou os fundos da Sociedade durante o ano economico que finda.

O 2.º Secretario

Sebastião Tito d'Abreu e Silva.

Sessão de 31 de Outubro de 1916

Presidente: Sr. João Norberto Gonçalves Guerra.

1.º Secretario: Sr. Alberto d'Oliveira Malta.

2.º Secretario: Sr. Sebastião Vito d'Abreu e Silva.

Foi aberta a sessão ás 22 horas e meia, sendo lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Entre o expediente lido pelo Sr. 1.º Secretario, encontra-se, um officio da Associação Commercial de Braga, pedindo a cooperação da Sociedade Farmaceutica Lusitana, no protesto contra o aumento da contribuição industrial, em projecto; telegrama da Associação dos Empregados de Farmacia do Norte, agradecendo a interferencia da Sociedade nas suas pretensões junto do Ex.^{mo} Ministro da Guerra; carta do Sr. Pascoal de Moraes, do Morro do Castelo, Capital Federal, pedindo para lhe ser indicada a maneira de se inscrever socio da Sociedade Farmaceutica Lusitana; officio do Congresso Economico Nacional, convidando a Sociedade a fazer-se representar naquelle Congresso.

Sobre este assunto, falaram os Srs.: Manuel Joaquim d'Oliveira, Oliveira Malta, Joaquim Pedro de Moraes e Cisneiros e Faria, ficando resolvido, visto que o Congresso já funciona ha tempos, officiar sabendo se ainda era tempo de a Sociedade se inscrever, afim de defender a classe, das acusações falsas feitas pelo congressista Sr. Ladislau Batalha, numz das passadas sessões, lamentando o Sr. Manuel Joaquim d'Oliveira, que já é congressista, não ter estado presente na sessão em que elas se produziram, onde as teria rebatido por completo.

Foi aprovada a seguinte proposta do Sr. Malta:

«Proposta:

«Proponho que se officie á Comissão Executiva da Liga Economica Nacional, perguntando se a Sociedade Farmaceutica Lusitana, pôde ainda inscrever-se para tomar parte no Congresso, e fazendo notar que esta tardia resolução, foi devida á circunstancia do convite não ter chegado a tempo de mais cedo se tratar da inscrição, e que nesta sessão fiquem já nomeados os delegados que devem representar a Sociedade, no caso de poder ser admitida a colaborar no Congresso.

«Lisboa, 31 de Outubro de 1916. — *Alberto d'Oliveira Malta*».

Foram propostos para representantes da Sociedade no Congresso, os socios Srs.: Antonio Dionisio Gorras, Alberto Malta e João Francisco de Jesus.

O Sr. *Presidente* informa que o Sr. Ministro da Guerra deu ordem para ser nomeado um official farmaceutico para a 5.^a Repartição do Ministerio da Guerra, e que S. Ex.^a o Sr. Ministro lhe comunicou que os farmaceuticos que fôrem chamados a serviço serão promovidos immediatamente a alferes e os que fôrem convocados, serão dispensados do serviço enquanto não forem nomeados officiais milicianos.

Comunica tambem, que os officiais farmaceuticos fôram considerados officiais montados, e com respeito aos alunos e ajudantes de farmacia, prometeu o Sr. Ministro atender ás suas reclamações.

O Sr. *Presidente*, informa a assembleia de que, tendo tratado da questão das multas impostas pela Câmara Municipal ás farmacias, por falta de licença, esta entidade ignorava a existencia do acordão da Auditoria do Supremo Tribunal Administrativo, pelo qual as farmacias ficaram inhibidas do pagamento de tal licença, e ter prometido o Sr. Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal levar este assunto á proxima sessão camararia, afim de evitar o julgamento dos nossos colegas autoados.

O Sr. *Garras*, envia para a meza a seguinte proposta com nota de urgentissima, que foi aprovada:

«Proposta:

«Proponho que na primeira sessão ordinaria se realizem as eleições de funcionarios, e que a sessão solene se realize antes desse dia, quando o Sr. Presidente o julgar mais conveniente.

«Lisboa, 31 de Outubro de 1916. — *Antonio Dionisio Garras*».

O Sr. *Presidente*, seguindo as indicações da assembleia, marcou a sessão solene para o dia 13 de Novembro de 1916.

Foram eleitos socios, os Srs. Manuel Brazão Gomes, Joaquim Varela Gusmão, José Dias Teófilo Parente, Joaquim Castro Fonseca e Francisco Antonio Andrade.

O 2.º Secretario

Sebastião Vito d'Abreu e Silva.

Acta da Sessão solene

Aniversario do octogésimo primeiro ano da Sociedade Farmaceutica Lusitana,
realizada em 13 de novembro de 1916

Presidencia do sr. João Norberto Gonçalves Guerra; secretarios, srs. Alberto d'Almeida Oliveira Malta e Sebastião Vito Abreu da Silva.

Pelas dez horas da noite, achando-se na sala regular numero de socios efectivos, e um representante da Direcção do «Mialheiro das Viúvas e Orfãos dos Operarios que morrerem de desastre no trabalho», o sr. Presidente declarou aberta a sessão, e convidou o sr. segundo secretario a proceder á leitura do seguinte:

Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Farmaceutica Lusitana, durante o 81.º ano da sua instituição

Foram admitidos

Para a classe de honorarios nacionais:

Dr. Julio Betencourt Ferreira, Lisboa.

Para a classe de efectivos :

Alfredo José dos Reis, Lisboa;
Antonio Duarte Quintão Pinto, Lisboa;
Augusto Maximo Prates, Lisboa;
Eduardo Augusto Cesar, Lisboa;
Francisco Manuel Moreira Pratas, Lisboa;
José Marques Rodrigues, Lisboa;
Victor da Gloria Palma, Lisboa.

Para a classe de correspondentes nacionais :

Antonio Augusto Martins Ribeiro Saraiva, de Gouveia;
Roque dos Reis Branco, de Varzea de Goes;

Despediram-se*Efectivos :*

Antonio Feliciano Coutinho Ribeiro, Lisboa;
Antonio Moreira Beato, Lisboa;
Dr. Manuel Fernandes da Cruz, Lisboa;
Mario Augusto de Azevedo da Costa Santos, Lisboa.

Correspondentes nacionais :

Cesar Diniz Bastos dos Reis, Galveias;
Eduardo Martins da Fonseca, Santo Antão (Cabo Verde);
João Lopes da Silva, Paço d'Arcos;
João Mateus Fernandes, Coimbra;
Joaquim Pereira Cardoso, Vila das Velas (S. Jorge);
José de Matos Casaca, S. Braz d'Alportel.

Faleceram*Efectivos :*

Aurelio Chagas Franco, Lisboa;
José Antonio Vieira Alves, Lisboa;
José Pereira Rodrigues, Lisboa.

Correspondentes nacionais :

Bernardo Rodrigues Ventura, Loanda;
 Carlos Gorjão Mogo de Mello Alvim, Torres Novas;
 Francisco José d'Amorim, Porto;
 José d'Assunção Mimoso, Castelo de Vide.

Resumo*Ficaram existindo :*

Presidente honorario	1
Benemeritos	10
Honorarios nacionais	12
Honorarios estrangeiros	23
Efectivos	202
Correspondentes nacionais	217
Correspondentes estrangeiros	25
Total	490

Resumo da conta de receita e despesa do ano economico de 1915 a 1916*Receita :*

Saldo da conta do ano anterior	527\$79,5
Receita cobrada durante o ano	1.016\$56
	1.544\$35,5

Despesa :

Despesa ordinaria e extraordinaria	765\$02,5
Reparos no edificio	135\$00
Amortização de obrigações	96\$00
Coupons pagos	90\$50
Capitalização	457\$50
	1.544\$02,5

Saldo em 30 de Junho de 1916 :

Em dinheiro	\$33
Em obrigações prediais nominativas de 6 %/o	450\$00

O sr. primeiro secretario lêu em seguida o seguinte:

Premio José Dionisio Correia, fundado no quinquagesimo ano da instituição da Sociedade

Programa de concurso

A Sociedade Farmacéutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programa para o concurso que ha de ser julgado no proximo ano:

Memoria sobre qualquer questão de farmacia ou sobre assunto de interesse profissional

CONDIÇÕES

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de *Membro benemerito* acompanhado de um *bonus* de cincoenta escudos, ao premiado em primeiro lugar.

No diploma de *Membro honorario* aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escritas em portuguez, se os seus autores forem naturais deste país, e em francez se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao Primeiro Secretario da Sociedade, por todo o mês de Abril do ano em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do autor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, e como divisa, a mesma epigrafe da memoria, que será aberta na sessão solene, se a memoria for premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu autor, pedindo-a com a mesma epigrafe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solene aniversario, deverão ser para este fim aprovadas pela Sociedade, e alem disso serão impressas e publicadas na colecção que terá por titulo *Memorias da Sociedade Farmacéutica Lusitana*, recebendo os seus autores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho autentico de que seus autores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade neste programa.

Relação dos individuos e corporações que brindaram a Sociedade Farmaceutica Lusitana durante o 81.º ano

Alfredo Pereira, do Porto

Alfredo da Silva Machado e Emilio Fragoso, de Lisboa

Antonio Jacinto Maria de Vilhena, de Lisboa

Dr. Hugo Mastbaum, de Lisboa

Dr. José Curry da Camara Cabral, de Lisboa

José Pedro Alves, de Lisboa

Dr. Ricardo Jorge, de Lisboa

Academia das Sciencias de Lisboa

Associação Comercial de Lojistas de Lisboa

Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia

Direcção Geral de Estatistica do Ministerio das Finanças

Ministerio do Fomento, Repartição do Trabalho Industrial

Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

Redacções dos seguintes jornals

«Anais do Club Militar Naval», de Lisboa

«A Medicina Contemporanea», de Lisboa

«Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa»

«Boletim da Academia das Sciencias», de Lisboa

«Boletim da Associação Comercial de Lojistas de Lisboa»

«Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa», de Lisboa

«Boletim do Hospital de S. José e Anexos», de Lisboa

«Boletim da Associação dos Empregados de Bancos e Cambios», de Lisboa

«Boletim da Associação dos Medicos Portuguezes», de Lisboa

«Revista de Medicina Veterinaria», de Lisboa

«Revista de Educação Geral e Técnica», de Lisboa
«Boletim do Laboratorio de fermentos terapeuticos do Instituto Pasteur de Lisboa»
«Boletim da Casa de Saude de Lisboa»
«Revista de Terapeutica», de Lisboa
«Revista de quimica pura e aplicada», do Porto
«Boletim Farmaceutico», do Porto
«Anais Scientificos da Academia Politecnica do Porto»
«Arquivo Farmaceutico», do Porto
«O Instituto», de Coimbra
«Boletim Geral de Medicina e Farmacia», de Nova Gôa
«Revista Americana», do Rio de Janeiro
«Gaceta Farmaceutica Española», de Barcelona
«El Monitor de La Farmacia y de La Terapéutica», de Madrid
«Revista Médico-Sanitaria», de Barcelona
«Boletin del Consejo Superior de Salubridad», de San Salvador
«La Temporada em Mondariz», de Pontevedra
«Bulletin Bibliographique de la Chimie et de ses applications», de Génes (Italie).

Finalmente o sr. Presidente passou a ler o seu

Relatorio dos factos ocorridos na Sociedade durante o ano

Centro de Documentação Farmacêutica

Meus Senhores:

Celebramos hoje mais um ano de existência desta Sociedade, que no decorrer de oitenta e um anos tão brilhantemente tem glorificado o seu nome, firme, nos seus fundamentais princípios, rigorosa nos seus deveres, e inquebrantável nos seus legítimos direitos.

Oitenta e um anos decorridos sobre a sua existência mantida com dignidade e trazendo integras, até nós, as gloriosas tradições dum passado que bem se póde escrever a letras de oiro nas paginas da historia farmaceutica,—contribuiram para o certificado irreputavel de que o papel que lhe foi destinado se evidenciou e

evidenciará nobremente fazendo realçar o prestígio da classe que representa.

E é assim meus Senhores, que nesta animadora evidencia podemos registar, com aceitavel orgulho, que na vida desta instituição ha não só um principio que não morre e se nos apresenta como um dogma, mas tambem um sagrado direito que não se destroe facilmente e por eles será levada a cabo a sua missão sem hesitações nem defalecimentos.

E, se, olhando para o passado, motivo se nos oferece para nos curvarmos cheios de reverente admiração e orgulho perante a memoria da obra inteligente de gerações que passaram, ligando-nos a uma tradição que sempre nos honrará, motivo não menos imperioso nos deve animar de futuro confiados em fortificados espiritos, em novas competencias adequadas ao desenvolvimento intelectual da nossa epoca.

Imperdoavel e inutil seria, meus Senhores, se num modesto trabalho como este, prejudicado pela incompetencia do seu autor e pela falta de tempo, a que uma circumstancia especial deu lugar, eu tentasse fazer a historia, embora singela, dos factos dignos de nota, que resultam da historia farmaceutica, fazendo reviver a obra grandiosa dos mais illustres farmaceuticos que fizeram parte dos corpos gerentes desta colectividade.

Deles falam paginas cheias de luz, ricas de eloquencia, trabalhadas pelo talento.

Nelas está bem gravada a obra notavel desta Sociedade atravez de muitos anos de luta.

Limitar-me-hei pois a relatar os factos mais importantes ocorridos durante o ano de gerencia que agora findou, cabendo-me a elevada e emerecida honra de ocupar esta presidencia obedecendo simplesmente a uma praxe, confiando na benevolencia que V. Ex.^{as} me dispensarão.

Meus Senhores:

No periodo da actual gerencia, factos de maior ou menor importancia tiveram lugar sendo todos eles devidamente observados, procurando-se a melhor solução, mercê muitas vezes de notaveis esforços e sacrificios que, apesar de tudo, não influíam

no animo de quem se empenhava ardentemente no cumprimento da missão que lhe estava confiada.

Assuntos de alto valor para a classe farmaceutica ficaram sem resolução no decorrer da anterior gerencia, impondo-se, portanto, a continuação da sua obra, insistindo junto dos poderes publicos para que sobre eles recaisse a sua atenção.

Presistentes deligencias foram feitas para que o projecto de reforma do exercicio profissional fosse convertido em lei, como uma das mais necessarias entre as varias leis dum país civilisado.

Conseguiu esta Sociedade que o projecto apresentado ao Parlamento fosse distribuido para discussão com o parecer favoravel da comissão respectiva, tendo, porém, o immediato encerramento das Camaras, obstado á sua discussão, depois de ter chegado á meza da presidencia para ser marcado para ordem do dia.

Com a situação anormal provocada pelo estado de guerra que se tem desenvolvido em toda a Europa, surgiu na vida farmaceutica a escassez de medicamentos, o que levou esta colectividade a exercer a sua actividade junto da Direcção Geral de Saude, Ministro do Fomento, Finanças e do Negocios Estrangeiros tendentes a promover negociações com o governo inglês que nos forneceria os medicamentos cuja falta se manifestava abertamente no nosso meio.

Para tal fim exigia o Governo Inglês uma nota relativa á media de medicamentos importados anualmente e referente ao periodo dos uliimos tres anos.

Afim de obter a estatística exigida dirigiu-se esta colectividade á Direcção Geral das Alfandegas, resultando, porém, inuteis os seus esforços, perante a forma como é feita a importação de medicamentos.

Continuou a actual gerencia a obra iniciada pela anterior, referente ao projecto da reforma dos serviços farmaceuticos do exercito, apresentado no Parlamento pelo deputado sr. dr. Antonio José da Costa Junior.

Para a reforma de tais serviços novo projecto foi apresentado ao sr. Ministro da Guerra, assinado pela Direcção desta Sociedade, Associação dos Farmaceuticos Portugueses, e Centro Farmaceutico do Porto.

Tal projecto que revela um estudo especial sobre a organiza-

ção dos quadros farmaceuticos dos exercitos de vários países, e que assenta em bases dum ponderado critério, pondo em destaque a ultra deficiência do quadro farmaceutico do nosso exercito, — tem sobre ele sido chamada a atenção do ilustre titular da pasta da Guerra e sobre ele ordenou, por ultimo S. Ex.^a que se pronunciasse a repartição competente.

Da mesma forma se tomou parte activa quanto á situação dos farmaceuticos atingidos pela mobilização, conseguindo-se que fosse extensiva áqueles a doutrina que tinha sido estabelecida para os medicos e que os promovia ao posto de alferes milicianos, o que se obteve.

Diligencias foram feitas para que a todos os officiaes farmaceuticos mobilizados fossem distribuidas montadas, visto que tal facto se não dava e o que agravava extraordinariamente a situação dos mesmos officiaes, sujeitos a longas e forçadas marchas a pé, no desempenho da sua missão especial em campanha.

Não foi esquecida tambem a situação militar dos estuantes e ajudantes de farmacia, pedindo-se para aquellas identicas regalias já estabelecidas para os estudantes de medicina.

Como a mobilização da 1.^a Divisão deslocasse da 5.^a Repartição do Ministerio da Guerra, o official farmaceutico deixando vago o seu lugar, interveiu esta Sociedade para que aquella vaga se preenchesse atendendo a importantes assuntos que, sobretudo nesta ocasião, correm por aquela repartição e que inconveniente seria que a classe farmaceutica não tivesse ali um representante.

Com a cooperação do Centro Farmaceutico do Porto esforçou-se esta Sociedade pela reforma dos serviços farmaceuticos coloniais, elaborando-se um projecto que foi entregue ao respectivo Ministro.

Tratou-se, quanto os esforços o permitiram, da falta de aúcar, sendo distribuido ás farmacias da capital 4.500 quilos em pouco mais do decurso dum mês, apesar das inumeras dificuldades de toda a ordem e dimanadas em parte da propria Comissão de Subsistencias, negando a cedencia da quantidade indispensavel para o consumo das farmacias.

Tratou-se, por ultimo, das licenças camararias indevidamente applicadas ás farmacias, requerendo-se ultimamente para que sejam anulados os pagamentos de taxas sobre perfumarias vendidas nas

farmacias, negando-se á propria Camara o direito de tais posturas nestes casos.

Sendo, pois, estes os factos dignos de destaque durante a gerencia que agora finda, aqui deixo, meus senhores, este resumido relato sobre a intervenção exercida e mantida por esta Sociedade em harmonia com os interesses da classe que representa e que em seu beneficio se tem manifestado como acabais de saber. Apraz-me reglstar, com regosijo, o bom estado financeiro em que esta Colectividade se encontra, a regular concorrência na inscrição de socios, a boa ordem nos diversos serviços para o que contribue poderosamente o maior zelo e boa vontade dos restantes membros da Direcção e mais funcionários, a quem agradeço a valiosa cooperação.

Termino, rogando-vos releveis as faltas que provêm unicamente da incompetencia dum dos mais humildes funcionários que tem servido esta Colectividade e que ao terminar hoje o meu mandato lhe façais justiça á sua boa vontade, que ele continuará fazendo ardentes votos pela prosperidade sempre crescente desta Sociedade.

Lisboa, 13 de Novembro de 1916.

João Norberto Gonçalves Guerra.

Em seguida o sr. Presidente declarou encerrada a sessão.

Centro de Documentação da Sociedade Farmacêutica

O 2.º Secretario,

(a) *Sebastião Vito Abreu da Silva.*

Sessão do dia 11 de Novembro de 1916

Presidente: Sr. Alberto d'Oliveira Malta.

1.º Secretario: Sr. Julio Cruz.

2.º Secretario: Sr. Sebastião Vito d'Abreu e Silva.

Não estando presente o Sr. Vice-presidente em exercicio assumiu a presidencia o Sr. 1.º Secretario, convidando para 1.º Secretario o socio Sr. Julio Cruz.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Entre a correspondência foi lido um officio da «Associação Mealheiro das Viúvas e Orfãos dos operarios mortos por accidentes de trabalho», agradecendo a cedência das salas da Sociedade para a realização da sua assembleia.

O Sr. *Presidente*, comunica as suas impressões a respeito do Congresso de Economia Nacional, ao qual assistiu como delegado da Sociedade, não concordando com a sua organização e não ter a classe assuntos a tratar no mesmo Congresso.

O Sr. *João Francisco de Jesus*, lamenta que no regulamento dos concursos para farmaceuticos militares se não permitta a entrada aos farmaceuticos civis e mesmo aos farmaceuticos praças de pret; pede que a Sociedade intervenha neste importante caso, em que são excluidos individuos com a carta de farmaceuticos.

Discutiram o assunto, os socios Srs.: Manuel d'Oliveira, Antonio Gomes, Joaquim Pedro de Moraes, Cisneiros e Faria, João Bento de Almeida, sendo por fim aprovada a seguinte proposta:

«Proposta:

«Proponho que se represente ao Sr. Ministro da Guerra, no sentido de serem admitidos a concurso para farmaceuticos militares, todos os candidatos que concorreram em harmonia com o respectivo anuncio publicado no *Diario do Governo*.

«Lisboa, 14 de Novembro de 1916. — *Antonio Dionisio Gomes*».

Entrando na ordem da noute, procedeu-se á eleição dos funcionarios para o ano de 1917-1918, servindo de escrutinadores os Srs.: Carlos Candido Coutinho, Francisco de Jesus, Antonio Garra, Gonzaga e Souza, José Bento d'Almeida e Victor Branco, sendo eleitos para os varios cargos os senhores:

Direcção:

Presidente: Francisco de Carvalho.

Vice-Presidente: J. Cisneiros e Faria.

1.º Secretario: Joaquim Pedro de Moraes.

1.º Vice-Secretario: Alberto Malta.

2.º Secretario: Victor Branco.

2.º Vice-Secretario: Hildebrando Gonçalves.

Tesoureiro: João Francisco de Jesus.

Vice-Tesoureiro: Augusto J. C. d'Oliveira.

Bibliotecario: José M. Soares Teixeira.

Vice-Bibliotecario: Ernesto dos Santos.

Comissão de Redacção:

Srs.: J. Cisneiros e Faria.

José Maria Pinto Fonseca.

Carlos Candido Coutinho.

Antonio Dionisio Garras.

Comissão de Farmacia:

Srs.: Manuel Luís Sequeira.

Alberto Malta.

Francisco M. O. Pratas.

Adriano Gueifão Ferreira.

Comissão de Quimica:

Srs.: Bernardo da Costa Simões.

Antonio Dionisio Garras.

Serafim Pereira.

José Pedro Alves.

Foi eleito socio efectivo o Sr. Antonio Borges Sacôto.

Foi eleita uma comissão composta dos Srs.: João Francisco de Jesus, Joaquim Pedro de Moraes e Emilio Fragoso, para segundo estatutos, darem o seu parecer acerca da admissão de um socio correspondente estrangeiro.

Lisboa, 14 de Novembro de 1816.

O 2.º Secretario

Sebastião Vito d'Abreu e Silva.

Sessão de 28 de Novembro de 1916

Presidente: J. Cisneiros e Faria.

1.º Secretario: Joaquim Pedro de Moraes.

2.º Secretario: Victor Branco.

Aberta a sessão, o Sr. Vice-Presidente eleito, assume a presi-

dencia que lhe foi entregue pelo Sr. 1.^o Secretario da Direcção transacta.

É lida na Meza uma carta do Ex.^{mo} Sr. Francisco de Carvalho, pedindo escusa do cargo de presidente, para que fôra eleito, alegando motivo de falta de saude. O Sr. *Presidente*, lamenta que o Sr. Francisco de Carvalho não possa ocupar o seu lugar, para o que tem toda a autoridade e prestigio e declara saber que S. Ex.^a, não cederá a qualquer solicitação; pede por isso á assembleia que lhe indique alguns nomes de socios que devam ser convidados, afim de facilitar o acto eleitoral.

Cumprimenta os corpos transatos, e agradece os bons esforços que empregaram no desempenho dos seus cargos, como todos os nossos consocios reconhecem, salienta a bela administração financeira da Sociedade e felicita os nossos socios eleitos esperando de todos uma eficaz cooperação nos trabalhos a encetar afim de levar a bom caminho os negocios da classe farmaceutica com prestigio para a nossa Socfidade e proveito para a classe farmaceutica. Faz o elogio do novo tesoureiro sr. João Francisco de Jesus a quem recenhece as melhores qualidades para o desempenho do seu lugar, felicita-se por ter como primeiro secretario o sr. Joaquim Pedro de Moraes, consocio energetico, tenaz no trabalho de quem espera a melhor cooperação nos trabalhos da Sociedade, e termina por declarar que daria gostosamente o seu voto ao nosso ilustre bibliotecario se os nossos estatutos permitissem que o logar fosse perpetuo, de tal modo o julga insubstituivel no desempenho do seu lugar.

O sr. *Malta*, requer a urgencia para uma proposta que apresenta, sobre a resposta a dar a uma circular do Ministerio do Trabalho sobre estatistica associativa.

O sr. *Moraes*, entende pelo contrario que o assunto deve ser estudado com vagar e bem ponderado.

O sr. *Malta*, retira a proposta.

É lida uma consulta sobre preços de medicamentos, que é enviada para a comissão de farmacia.

O sr. *Soares Teixeira*, agradece as palavras elogiosas que lhe fôram dirigidos e apresenta tres cartas antigas do curso farmaceutico, que foram oferecidas pelo nosso colaga Antonio Pinto e outra carta de curso do falecido presidente da Sociedade sr. Coelho de Jesus, oferta do sr. Simões Pacheco.

Ainda o sr. Teixeira, oferece para a biblioteca da Sociedade tres formularios antigos.

Os srs. Presidente, tesoureiro e mais socios presentes eleitos para varios cargos, agradecem a sua escolha.

O sr. *Morais*, pede que seja publicada no Jornal da Sociedade o decreto publicado no Diario do Governo, que concede melhoria de situação aos farmaceuticos do Ultramar.

Foram eleitos socios da Sociedade os srs. Virgilio Ferreira Ribas, Herminio de Vasconcelos e Alfredo Marques Canario.

Lisboa 28 de Novembro de 1916.

O 2.º secretario,

Victor Branco.

Balancete de Julho de 1916

RECEITA

Saldo do mez anterior.....	\$33
Juro do 1.º semestre de 1916 das obrigações prediais.....	12\$15
Cobrança:	
Quotas, 74.....	66\$60
Diplomas, 2.....	4\$00
Asinaturas do jornal.....	4\$44
	75\$04
Esc.	87\$52

DESPEZA

Ordenado do escripturário.....	10\$00
" " contínuo.....	16\$00
Coupons pagos.....	28\$00
Despesas da secretaria.....	5\$11,5
Contribuição predial, 3.ª e 4.ª prestação de 1915.....	12\$60
Gaz, de Junho.....	\$20
Arranjo da campanha electrica.....	1\$03
Preenchimento de guias e subscritos do correio, recibos de quotas e registos de actas.....	2\$05
Encadernação de livros para a biblioteca.....	2\$16
Despeza do correio.....	\$45
	78\$50,5
Saldo para o mez de Agosto.....	9\$01,5
Esc.	87\$52

Balancete de Agosto de 1916**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....	9\$01,5
Cobrança:	
Quotas, 52.....	46\$80
Diploma 1.....	2\$00
	<u>48\$80</u>
Esc.....	<u>57\$81,5</u>

DESPEZA

Ordenado do escriturário.....	10\$00
" " contínuo.....	16\$00
Despesas da secretaria.....	3\$23,5
Encadernação de livros para a biblioteca.....	4\$80
Coupons pagos.....	6\$00
Gaz, de Julho.....	\$20
Seguro de mobilia e utensilios, de 1916-1917.....	5\$00
Despeza do correio.....	1\$00
	<u>46\$23,5</u>
Saldo para o mês de Setembro.....	<u>11\$58</u>

Esc..... 57\$81,5**Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos****Balancete de Setembro de 1916****RECEITA**

Saldo do mez anterior.....	11\$58
Cobrança:	
Quotas, 32.....	28\$80
	<u>28\$80</u>
Esc.....	<u>40\$38</u>

DESPEZA

Ordenado ao escriptuario.....	20\$00
» » continuo.....	16\$00
Gaz de Agosto.....	\$20
Despeza do correio.....	\$34
	26\$54
Saldo para o mez de Outubro.....	13\$84
Esc.....	40\$38

Balancete de Outubro de 1916

RECEITA

Saldo do mês anterior.....	13\$84
Cobrança:	
Anuncios do jornal.....	10\$55
Quotas, 99.....	89\$10
	99\$65
Esc.....	113\$49

DESPEZA

Obrigaçao paga n.º 235.....	10\$00
Dita, idem n.º 242.....	10\$00
Coupons pagos.....	8\$00
Encadernação de livros para a bibliotheca.....	2\$15
Dita de ditos, idem.....	\$90
Companhia das Aguas, 3.ª prestação de 1916.....	2\$95
Compra de papel e outros artigos da escriptorio.....	3\$94
Ordenado do escriptuario.....	10\$00
Dito do continuo.....	16\$00
Gratificação ao dito, por serviços extraordinarios.....	15\$00
Preenchimento de guias e sobscritos do correio, recibos de quotas e registo de actas.....	3\$91,5
Metade da despeza com a impressão duma representação ao sr. Ministro da Guerra.....	4\$50
Despeza da secretaria de Setembro.....	2\$75,5
Idem, idem de Outubro.....	3\$13,6
Gaz de Setembro.....	\$20
Despeza do correio.....	\$09
	93\$53,5
Saldo para o mês de Novembro.....	19\$95,5
Esc.....	113\$49

Balancete de Novembro de 1916

RECEITA

Saldo do mez anterior.....		19\$95,5
Quotas, 123	110\$70	
Diplomas.....	8\$00	
Assinaturas do jornal.....	1\$50	
		120\$20
Esc.		140\$15,5

DESPEZA

Ordenado do continuo.....	16\$00
Dito do escriptorio.....	10\$00
Obrigaçao paga n.º 228.....	10\$00
Coupons pagos.....	20\$00
Avisos para 3 sessões.....	1\$40
Custo dum livro copiador.....	1\$87
Anuncio no «Diario de Noticias», para a eleição.....	\$79
Dito no «Seculo», idem.....	1\$81
Despeza da secretaria.....	4\$81
Impressão do jornal, n.ºs 10 a 12.....	44\$50
Limpeza do edificio.....	2\$50
Gaz, de Outubro.....	\$20
Despeza do correio.....	1\$35
	115\$23
Saldo para o mez de Dezembro.....	24\$92,5
Esc.	140\$15,5

Balancete de Dezembro de 1916

RECEITA

Saldo do mês anterior	24\$92,5
Cobrança :	
Quotas, 101	90\$90
Esc.	115\$82,5

DESPEZA

Ordenado do escriturário.....	10\$00
» » contínuo.....	16\$00
Obrigaçào paga n.º 243.....	10\$00
Gaz de novembro.....	\$20
Custo de duas molduras para diplomas antigos.....	1\$00
Preenchimento de guias e sobscritos do correio, recibos de quotas e registo d' actas.....	3\$12
Licença para letreiro na frontaria do edificio.....	\$60
Impressão do jornal.....	35\$80
Despezas da secretaria.....	9\$06,5
	85\$78,5
Saldo para o mês de Janeiro de 1917.....	30\$04
Esc.....	
	115\$82,5

AVISO

Tendo vindo para a redacção deste Jornal reclamações de varios socios por não terem recebido alguns numeros do nosso Jornal, comunica-se aos Ex.^{mos} Con-
sócios e Assinantes, que o Jornal é expedido com o
maior cuidado para **todos** os interessados; en-
viando comtudo, novo numero logo que o seja recla-
mado.



Tendo vindo para a redacção deste Jornal reclama-
ções de varios socios por não terem recebido alguns
numeros do nosso Jornal, communicamos aos Ex.^{mos} Con-
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Salamanca de Dezembro de 1976

INDICE ALFABETICO

DA
Serie 15.^a — Tomo 2.^o — 1916

A

Acção dos sais de mercurio sobre a lamina de aluminio.....	Pag. 53
Acetilsalicilato de bismuto.....	129
Acetilsalicilato de magnesio.....	69
Acido sulfurico.....	57
Acta da sessão solene.....	138
Aethona.....	70
Agua oxigenada iodada.....	122
Alival.....	68
Antikamnia.....	61
Aperfeiçoamento na fabricação do acido latico, por M. Max Lindon;....	97
A purificação das aguas.....	37
A purificação das aguas (continuação).....	87
A revacinação no exercito.....	120
Aviso.....	155

da Ordem dos Farmacêuticos

B

Balancete de Janeiro de 1916.....	34
» » Fevereiro de 1916.....	35
» » Março de 1916.....	35
» » Abril de 1916.....	84
» » Maio de 1916.....	85
» » Junho de 1916.....	85
» » Julho de 1916.....	151
» » Agosto de 1916.....	152
» » Setembro de 1916.....	152
» » Outubro de 1916.....	153
» » Novembro de 1916.....	154

	Pag.
Balancete de Dezembro de 1916.....	154
Banho sulfuroso inodoro.....	60
Bromo puro, por M. A. Scott.....	97

C

Caracterisação dos nitratos em presença da materia organica, por M. A. Tingle.....	102
Caracterisação do sodio pelos acidos fluoborico e fluosilicico, por Mathers, Stewart, por Housemann e Lac.....	10
Cignolina.....	129
Citrovanilina.....	69
Concurso para officiaes farmaceuticos de exercito.....	62

D

Determinação do chloreto mercurioso nas pastilhas ou comprimidos, por J. W. Marden e O. E. Cushman.....	107
Diagnostico da sífilis pelo ouro.....	56
Diagnostico rapido da febre tifoide pela cultura em tubos de areia, por P. Carnot e Weill-Hallé.....	114
Diluição de solutos concentrados, por M. Lawi.....	119
Dosagem da alcalinidade das aguas, por Dhommée.....	99
» da caféina no café, por Feudler W. Stüber.....	17
» dos fosfitos e hipofosfitos, por Rupp e Tinck.....	9
» do oxigenio na agua oxigenada, por M. Bertalan.....	108
» de pequenas quantidades de alcaloides, por Cartinfranti e Scelba.....	111
» rigorosa de pequenas quantidades de iodetos, quando em presença de varios corpos, por M. B. Bernier e G. Péron.....	7
Dosagem simultanea do carbono e bromo pelo metodo «Acidocromico», por M. P. W. Robertson.....	103
Dosagem da tiofena na benzina, por Paolini e Silbermann.....	104

E

Elixir de acido nucleico com arrenal, (Histagenol).....	125
Emprego de fermentos soluveis para a determinação quantitativa da ureia, por M. Modesto Maestre Ibanés.....	108
Ensaio do acido citrico (pesquisa do acido tartarico), por Taitt e Batherford Hill.....	12
Ensaio do carvão animal.....	11
Ensaio do chloreto de morfina, nos solutos e xaropes, por M. M. François e E. Luca.....	45
Especialidades farmaceuticas.....	69

F

Pag.

Farmacotecnia.....	116
Formulario.....	26
Formulario.....	60
Formulario.....	121
Formulario Oficial e Magistral.....	25
Fosfal.....	70

H

Histogenol, Histogeneo.....	125
Hommel's Haematogen.....	62

I

Interesses profissionais.....	62
Interesses profissionais.....	125
Intramina.....	129
Investigação do sangue nas fezes.....	52
Investigação toxicologica na morfina, por M. Grutterenk W. Van-Rijn...	54

M

Medicamentos antiseticos.....	121
Medicamentos novos.....	68
Medicamentos novos.....	129
Metodo de ensaio do cloreto de magnesio, por M. L. Bourdet.....	42

N

Nova reacção corada da papaverina, por M. K. Waven.....	53
Nova reacção da agua oxigenada, por Spiro.....	103
Novo metodo de dosagem de pequenas quantidades de halogeneos, por M. M, Fr. Mac Lean e D. Van Slyke.....	98
Novo metodo para a dosagem do enxofre sobre qualquer forma, nos liquidos organicos e em particular na urina, por R. Gauvin e V. Skarz-vanski.....	13

O

O limoeiro e a industria do acido citrico.....	92
O violeta de metilo empregado como meio de diferenciação na série tificoli, por A. Botez.....	56

Centro de Documentação Farmacéutica

P

Pag

Palavras proferidas na sessão do lançamento da primeira pedra da Escola de Farmacia do Porto, no dia 1 de Fevereiro de 1916, por Eduardo Pimenta, professor da Universidade do Porto	19
Papeis reagentes para diferenciar os bacilos do grupo Ebert Coli, por Hol-lande e Beauverie.....	115
Parecer da Comissão de Quimica sobre a analise de uma amostra de eter anestésico.....	58
Pesquisa do ácido glicurónico nas urinas, por M. H. Roger	51
Pesquisa do alcool metilico nas bebidas alcoolicas e nas tinturas farma-ceuticas, por G. B. Franceschi	12
Pesquisa do arsénico no vinho e na cerveja, por M. C. Vnaflart.....	112
Pesquisa da bilis nas urinas, por A. Lespinasse	16
Pesquisa do cloro livre nas aguas alimentares, por M. G. A. Le Roy	54
Pó de Lucas—Championnière	123
Poção de gelatina (hemostatica)	124
Poção hemostatica	124
Pomada excitante.....	123
Pomada de Reclús	122
Presença da ureose nas plantas, por M. A. Benjaminn	51
Prémio José Dionisio Correia (Programa do concurso).....	141
Preparação instantanea da tintura de iodo.....	125
Preparação do peptonato de ferro para injeccões hipodermicas	118
Preparação do reagen'te de Nessler, por M. M. Fredricks Mannheim	42
Preparação de solutos de hypocloritos usados em cirurgia de guerra	116
Processo simples para a coloração dos esporos das baterias	55
Profilaxia (A revacinação no exército).....	120
Propriedade singular de uma bateria luminosa, por Baltazar Osorio.....	18
Protoiodo Gremy.....	61

Centro de Documentação Farmacéutica

Q

Quinoidol (Mouchet).....	123
--------------------------	-----

R

Reacção muito sensível do chumbo, por M. Iwanov	41
Reacção muito sensível e córada do aluminio, por F. W. Atack	103
Recuperação do molibdato de amonio, por J. A. Prescott	107
Relação dos individuos e corporações que brindaram a Sociedade, durante o 81.º ano	142
Relatório anual do Comité Internacional dos Pesos Atómicos, para 1916	3
Relatório dos factos ocorridos na Sociedade, durante o ano	143
Resistencia da morfina à putrefacção, por M. Dœjomann	110

Pags.

Resumo da conta de receita e despesa do ano economico de 1916 a 1917.	140
Resumo dos fundos da Sociedade em 30 de Junho de 1916	86
Rhinalgol Berisinson	61

S

Sal de Hunt	61
Separação do potassio do sodio, por V. Hill	102
Sessão de 8 de Fevereiro de 1916	27
» de 29 de Fevereiro de 1916	31
» de 27 de Março de 1916	32
» de 11 de Abril de 1916	71
» de 25 de Abril de 1916	73
» de 9 de Maio de 1916	76
» de 13 de Junho de 1916	79
» de 13 de Junho de 1916 (Continuação dos trabalhos suspensos)...	82
» de 11 de Julho de 1916	129
» de 25 de Julho de 1916	132
» de 10 de Outubro de 1916	133
» de 31 de Outubro de 1916	136
» de 11 de Novembro de 1916	147
» solene, em 13 de Novembro de 1916	138
» de 28 de Novembro de 1916	149
Soluto de ácido fénico	123
» de cloreto de magnesio (Delbet)	122
» de Dakin	116
» de Duret	117
» de formol	121
» de formol fenicado	122
» forte de ácido fénico	121
» de Pozzi	116
Sobre a diazoreação «picromica» nas urinas, por M. Henri Pecker	52
Sobre a fabricação do ácido sulfúrico	97
Sôro de Hédon e Fleig	26
Sôro de Locke	124
Sôro de Locke, modificado por Carrel	26
Sôro de Schiassi	27
Sucedaneos da lanolina	119

T

Tiociclona	68
Transformação molecular dos precipitados, por A. Vilièrs	105
Trivalina	71

Variedades.....	19
30	57
32	120
Vazalina artificial (merzalina).....	27



**Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos**

da Ordem dos Farmacêuticos



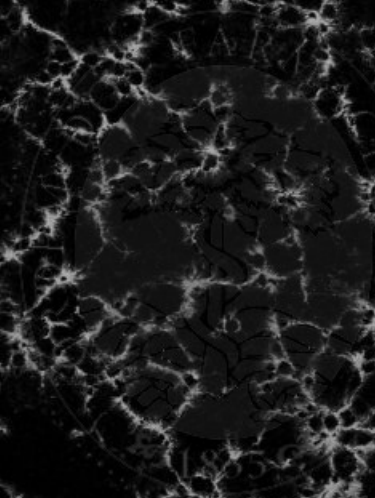
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação e Informação
da Universidade Paulista

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

PRINTED IN GREAT BRITAIN
BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE

1916

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS